

Síntese

IMPACTO DA COVID-19 NAS MULHERES DA AMÉRICA LATINA E CARIBE



União mundial de organizações femininas católicas
Observatório mundial das mulheres
Conselho episcopal latino-americano

Centro de gestão de conhecimento
Observatório socioantropológico pastoral



AUTORIDADES
CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO
Presidente
Dom Héctor Miguel Cabrejos

Secretário Geral
Dom Jorge Eduardo Lozano

Secretário-Geral Adjunto
Presbítero Pedro Brassesco

Coordenador Centro de Gestão do Conhecimento
Guillermo Sandoval

Coordenador do Observatório Socioantropológico Pastoral
Agustín Salvia

UNIÃO MUNDIAL DE ORGANIZAÇÕES FEMININAS CATÓLICAS
Presidente
María Lía Zervino, Servidora

Vice-Presidente
Maribeth Stewart Blogoslowski

Tesoureira
Mónica Santamarina Noriega

Responsável pelas Relações Institucionales do Observatório Mundial das Mulheres
María José Miguel Ortega

RESPONSÁVEIS PELOS DOCUMENTO DE TRABALHO
Coordenadora
María de Lourdes Espinoza Rosas

Autores
Ada Ferreira y Patricio Caruso

Contribuição Teológico-Pastoral:
Parte I – Estado da arte: María Clara Bingemer
Parte II – Diálogo com especialistas: Maricarmen Bracamontes Ayón
Parte III – Relatório da pesquisa: Marcela Mazzini

O presente Documento de Trabalho foi elaborado a partir de um Convênio de Doação entre o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) e a União Mundial de Organizações Femininas Católicas (UMOFC), a quem pertence, conjuntamente, a propriedade intelectual do mesmo. Seu objetivo é documentar a conclusão do projeto de investigação: IMPACTO DA COVID-19 NAS MULHERES DA AMÉRICA LATINA E CARIBE.

ÍNDICE DE CONTEÚDOS

Prólogo	5
Introdução geral	7
Resumo Executivo	9
Conclusões gerais	19

Prólogo

“A esperança na América Latina tem um rosto feminino”
(Papa Francisco, 7 de setembro de 2017)

Recentemente, temos vivido uma experiência inédita: a Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe. Um árduo processo de escuta, diálogo e discernimento, que buscou envolver o Povo de Deus que caminha em nosso continente. Este processo nos aproximou, nos mostrou que estamos mais unidos do que pensávamos e que temos em comum desafios a encarar juntos. Por isso, pulsa em nós a alegria e a gratidão por essa força sinodal do Espírito Santo.

Em meio a uma sociedade que, em geral, não escuta, é significativo que uma organização de mulheres se dedique a escutar as mulheres de nossa região. Em sintonia com o processo da Assembleia Eclesial, a União Mundial de Organizações Femininas Católicas (UMOFC) e seu Observatório Mundial de Mulheres, em parceria com o Observatório Socioantropológico Pastoral do Departamento de Gestão do Conhecimento do CELAM, elaboraram este estudo sobre o impacto da pandemia causada pela Covid-19 na vida das mulheres da América Latina e do Caribe, de suas famílias, comunidades e povos.

O Papa Francisco, em “Querida Amazônia”, ao descrever o sonho eclesial, deseja “que as mulheres tenham uma incidência real e efetiva na organização, nas decisões mais importantes e na orientação das comunidades, mas sem deixar de fazê-lo com o estilo próprio de sua pegada feminina” (QA 103).

À medida que ia lendo as páginas relatório, vinham à minha mente passagens do Evangelho, como o encontro de Jesus com a Samaritana, ou com aquela que foi surpreendida em adultério, a qual Ele livra dos seus perseguidores e em quem faz reaparecer sua dignidade, ou as mulheres que correm ao sepulcro buscando o corpo de Jesus, ou Maria em pé, próxima de seu Filho na cruz... Enfim, tantos ecos desses exemplos evangélicos plasmados nos sofrimentos e na resiliência das mulheres de nossa região.

Por isso, publicamos este relatório, que, produzido com seriedade científica, apresenta o sentir e as propostas concretas de milhares de mulheres. Ao mesmo tempo, renovamos o compromisso de trabalhar para **impulsionar a participação ativa das mulheres na vida da Igreja, assim como seu papel insubstituível na sociedade**, desafios que assumimos na Assembleia Eclesial, entre outros.

Que Nossa Senhora de Guadalupe nos ajude, em continuidade com esta “escuta”, a produzir o “transbordamento” por impulso do Espírito, a fim de gerar em nosso continente propostas pastorais superadoras da crise conjuntural e promotoras de respostas criativas diante dos gemidos dos mais vulneráveis e do planeta.

*Dom Jorge Eduardo Lozano
Arcebispo de San Juan de Cuyo, Argentina
Secretário Geral do CELAM*

Introdução geral

O olhar do Observatório Mundial das Mulheres

Assim como podemos ouvir sem escutar, também podemos ver sem olhar. Um Observatório, por sua vez, consiste em um olhar atento que se detém diante do que vê e do que escuta, e aprofunda nessa realidade como se focasse nos olhos da pessoa que tem diante de si. Se ampliamos “o olhar partindo dos olhos do pobre que temos diante de nós [...], olhamos a realidade de uma maneira diferente da que está em nossa mente” (Papa Francisco, 26 de junho de 2021).

O Observatório Mundial das Mulheres (OMM) tenta escutar e olhar as mulheres de diversas regiões do planeta, em particular as mais vulneráveis, aquelas que não têm o poder de se manifestar ou, se o fazem, pode ser que ninguém perceba e que suas expressões se diluam no mar da globalização da indiferença.

O objetivo do OMM consiste em **dar visibilidade às mulheres, em especial às mais vulneráveis, que parecem “invisíveis”, tanto no que se refere a seus sofrimentos como a suas potencialidades**, a fim de inspirar e gerar estratégias pastorais da parte da Igreja, sinergias da parte das ONG’s da sociedade civil, políticas públicas da parte dos Estados e contribuições à agenda internacional que favoreçam o desenvolvimento humano integral das mulheres e o de suas famílias, comunidades e povos.

A União Mundial de Organizações Femininas Católicas (UMOFC) se dedica à promoção das mulheres para fomentar sua corresponsabilidade na evangelização e no desenvolvimento humano integral; com seus 8 milhões de mulheres, estende-se – através de suas quase 100 organizações-membro – a todos os continentes¹. É um observatório existencial das mulheres no mundo.

1 A UMOFC é a única associação pública internacional de fiéis que se dedica às mulheres, reconhecida como tal pela Santa Sé da Igreja Católica, foi fundada em 1910 e tem representação internacional na UNESCO, na FAO, na ECOSOC, no Conselho de Direitos Humanos na ONU e no Conselho da Europa (www.umofc.org).

Em junho de 2021, a UMOFC criou, de forma experimental, o OMM, contando com o estímulo dos Dicastérios para os Leigos, a Família e a Vida e para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral da Santa Sé. Para poder proceder com o rigor científico que potencializasse sua metodologia e a obtenção dos resultados, buscou vínculos com centros acadêmicos que compartilhassem os valores humanos e cristãos que caracterizam seu marco teórico.

Em parceria com o Centro de Gestão do Conhecimento do CELAM e seu Observatório Socioantropológico Pastoral, o OMM realizou o trabalho: ***Impacto da Covid-19 nas mulheres da América Latina e do Caribe***, cujo valor principal, mas não exclusivo, é qualitativo. Realizado entre junho e dezembro de 2021, deseja se constituir na **primeira etapa de um caminho a ser percorrido junto com as mulheres do continente**.

Esta apresentação tem três partes. No ***Estado da Arte*** são recolhidos dados publicados por agências internacionais (ONU, CEPAL, etc) e por fontes complementares, para evidenciar o estado da questão a partir da perspectiva quantitativa que é própria dessas agências. No ***Diálogo com especialistas*** é oferecido o resultado do diálogo estabelecido com 25 especialistas de 14 países da região, com diferentes perfis, línguas e atuação. São “especialistas” por sua experiência de inserção concreta na comunidade que lideram e/ou na qual prestam seu serviço. O ***Relatório da pesquisa*** reflete as representações de uma amostra não estatística de mulheres provenientes de 23 países latino-americanos e caribenhos, com testemunhos recolhidos a partir de perguntas abertas sobre sua experiência durante a pandemia. Cada parte é concluída com uma contribuição teológico-pastoral.

A 1ª Assembleia Eclesial para a América Latina e o Caribe (novembro de 2021), um evento histórico no qual participaram mais de 70.000 fiéis, recolheu, em seus documentos de trabalho, alguns dos resultados desta investigação. Ao longo deste relatório, aparecem coincidências impressionantes com a Síntese Narrativa do processo de escuta que precedeu a Assembleia, ainda que esta investigação inclua mulheres que não são católicas.

Resumo Executivo

EFEITO “LUPA”: assim se poderia denominar o efeito holístico e principal da pandemia provocada pela Covid-19 na situação em que vivem as mulheres da ALC, pois tanto os estudos recolhidos como as especialistas consultadas e as pesquisas dão conta do “aprofundamento”, do “agravamento” e do “aumento” das injustiças sociais, econômicas e culturais estruturais e pré-existentes no continente.

Principais descobertas

Ausências notáveis

- As mulheres da ALC, em seu conjunto, não foram objeto de grandes estudos realizados pelas agências internacionais que investigaram o impacto da Covid-19 e das medidas governamentais para a contenção e prevenção de sua propagação. As descobertas que são apresentadas adiante referem-se apenas a alguns países da região ou a estudos particulares.
- Ao concluir o Estado da Arte, em agosto de 2021, não foram encontrados dados sobre o feminicídio em toda a região da ALC durante 2020 que permitissem estabelecer a diferença em relação a 2019. Entretanto, algumas cidades e países ofereceram estatísticas oficiais, constatando aumento durante a pandemia (em Bogotá, o aumento foi de 8,6% em relação ao ano anterior; e na Argentina, nos primeiros 9 meses de 2020, a taxa chegou a 1 feminicídio a cada 32 horas, o que levou 231 crianças a ficarem órfãs).
- As descobertas referentes a núcleos populacionais particularmente vulneráveis, como as mulheres migrantes, indígenas, vítimas de tráfico, em situações carcerárias, de regiões periféricas ou rurais pobres e mães ou responsáveis por crianças com necessidades especiais, provêm da experiência de mulheres “especialistas”, inseridas e servindo nos respectivos contextos, porque não foram encontrados estudos de entidades públicas regionais referentes a estas situações.

Violência de gênero

- As denúncias em vários países aumentaram, tanto as feitas através de ligações telefônicas específicas como as realizadas por vizinhos e familiares, e não pelas vítimas confinadas em suas casas. Em outros países, durante o isolamento social, diminuiu o número de denúncias devido ao fato de que as vítimas conviviam com seu agressor e não dispunham de algum lugar onde se refugiar para evitar maiores agressões ou o feminicídio.
- Durante o período de restrição de circulação e quarentena, a ausência do Estado no território dificultou a fuga das mulheres em situações de violência doméstica. Também diminuiu a assistência psicológica e social pela impossibilidade de acessar tais serviços.
- Ao ser declarado o fechamento das escolas, igrejas e centros de apoio públicos e privados, as mulheres – idosas, adultas e meninas – perderam os espaços de expressão, escuta, proteção e apoio. O fato de não poderem desenvolver em tais locais sua dimensão espiritual contribuiu para incrementar a dor e a angústia.
- As denúncias abarcam violência física, psicológica, econômica e simbólica, além da exercida pelo Estado ao não cumprir com suas obrigações e a sofrida no local de trabalho.
- Pontualmente, durante o primeiro ano da pandemia, no Brasil, 25% das mulheres maiores de 16 anos sofreram algum tipo de agressão (35,2% de aumento), 5 em cada 10 brasileiros viram uma mulher sofrer violência, 46,7% das vítimas também perderam seu emprego e começaram a consumir mais bebida alcoólica. Nos povos indígenas da Guatemala, desde o início da pandemia, aumentou o número de gravidez de meninas a partir dos 10 anos. Na Venezuela, ainda que faltem dados estatísticos, estima-se que o feminicídio tenha se quintuplicado.

Deterioração da autonomia econômica

- As mulheres da ALC, em grande parte, costumam estar ocupadas nos setores que padeceram os maiores efeitos negativos em termos de emprego e renda, como: turismo, fábricas, comércio, saúde e educação, além de sua severa inclusão estrutural na economia informal. A queda nos níveis de emprego e o aumento do desemprego se somaram à pré-existente desigualdade salarial entre homens e mulheres, o que caracteriza a segregação sexual do trabalho.

- Segundo a OIT, as empregadas domésticas foram afetadas em 70,4% das medidas de quarentena, pela diminuição da atividade econômica, desemprego, redução da jornada de trabalho ou perda de salários.
- Nos países nos quais o governo concedeu subsídios por um período determinado para os mais pobres, impossibilitados de realizar seus respectivos trabalhos, a economia das mulheres e de suas famílias melhorou temporariamente, mas, ao ser retirada tal ajuda e com o aumento da inflação, a emergência econômica piorou em relação ao período anterior à pandemia.

Agravamento da feminização da pobreza

- O empobrecimento significou um peso imenso na situação das mulheres, cujos lares estão privados de água potável e que se dedicam ao trabalho doméstico e aos cuidados não remunerados, entre 5 e 12 horas semanais a mais do que as mulheres que vivem sem este tipo de privações.
- A deterioração se acentuou nas mulheres camponesas, indígenas, migrantes e de regiões periféricas, devido às dificuldades colocadas para venderem seus produtos alimentícios e artesanais nos mercados ou nas ruas e devido aos obstáculos para acessar recursos necessários à produção, como água potável, insumos agrícolas, combustíveis para o transporte, etc.
- Empreendedoras indígenas viram ser afetadas suas produções comunitárias, das quais depende a subsistência de centenas de famílias; e uma grande porcentagem de suas pequenas e grandes empresas vão desaparecendo.
- Mulheres migrantes denunciaram maiores discriminações durante a emergência, devido ao fechamento de creches, o que as obrigou a deixar seus trabalhos para cuidar de seus filhos, e/ou a redução de seus empregos como cuidadoras ou empregadas domésticas em casas de família.

Prejuízo da saúde física e mental

- A prioridade dos serviços de saúde para a atenção do vírus provocou a diminuição de 40% dos controles de gravidez em 11 países da região, segundo a OPS. Isso gerou angústia nas mães e um aumento da mortalidade materna e infantil nos partos.
- A telemedicina implementada não permitiu às mulheres mais vulneráveis ser atendidas, já que elas, geralmente, não sabem utilizar as tecnologias digitais

para esse tipo de prática. O sistema de saúde mental via tecnologia se tornou para elas quase inacessível ao carecerem de um espaço reservado em seu lar ou porque tinham que compartilhar o celular com o resto de sua família.

- A falta de tratamento dos doentes nos centros de saúde fez com que as mulheres, em geral, os colocassem sob seu cuidado, em seus respectivos lares, com o evidente risco do aumento da transmissão do vírus.
- O acesso à vacinação acabou sendo dificultado para as famílias das mulheres indígenas, já que foram priorizadas as cidades e não se tem notícia correta a respeito dos efeitos das vacinas em seus territórios.
- Uma série de estudos de diversos países detectaram altos níveis de medo, angústia e depressão em mulheres, assim como desgaste psicológico emocional naquelas que enfrentaram, no trabalho remoto, intensificação do ritmo e maior exigência de produtividade.

Aumento das tarefas de cuidado

- Aumentou a desigualdade estrutural que afeta as mulheres no que diz respeito à distribuição desigual das tarefas de cuidado, devido à permanência dos meninos, meninas e adolescentes nos lares, tendo aulas remotas, à interrupção de outras redes e recursos de cuidado e à cobertura limitada do sistema de saúde, que transferiu a responsabilidade do cuidado de saúde para os lares. As responsabilidades triplicaram.
- Em geral, o trabalho remoto acrescentou sobrecarga na responsabilidade pelo cuidado e pelo trabalho doméstico. Somente alguns grupos de mulheres profissionais ou com educação de nível universitário ou pós-graduação disseram que o trabalho remoto as aproximou de seus maridos e filhos e lhes proporcionou mais tempo para a atividade física e o ócio.
- Relatórios da UNICEF revelam que houve 51% a mais de sobrecarga nas tarefas de cuidado para as mulheres. Em muitas das respostas à pesquisa, detectam-se, todavia, indicadores de estereótipos e visões tradicionais para as funções de homens e mulheres dentro do lar, como se as funções assinaladas para cada um não pudessem se transformar ao longo dos séculos.

Dificuldades para a educação e desigualdades sociais

- O fechamento das escolas intensificou múltiplas desigualdades sociais como a desigualdade digital em relação ao conhecimento e ao acesso ao uso das tecnologias da informação e da comunicação, assim como a falta de políticas para a conciliação da vida familiar e laboral feminina, entre outras.
- Muitas mães não conseguiram entender as matérias escolares e explicá-las a seus filhos, nem podiam acessar as aulas virtuais por falta de conexão à rede de internet. Segundo a CEPAL, o custo do serviço de banda larga para os setores com poucos recursos representa, em média, 13% de suas rendas, e 39,1% das mulheres nos lares deste setor não possuem rendas próprias.
- Os problemas derivados de ter que compartilhar um celular nas famílias vulneráveis e com tecnologia insuficiente para armazenar as tarefas escolares,... levaram muitos dos alunos submetidos ao sistema de ensino remoto a não alcançarem os objetivos programados da educação e à conseqüente angústia de suas mães.
- Para as professoras, a educação à distância significou um esforço extraordinário, em particular para as professoras das zonas rurais. Elas não somente não contaram com o acompanhamento necessário como também o material de trabalho costumava estar elaborado para o ensino virtual nas cidades e não em lugares ou contextos de multiculturalidade.
- Ainda não foi estimado totalmente o “colapso” da educação na região devido à pandemia, mas se estima um efeito negativo da “possível educação” e do abandono da escola por falta de estímulos. Por exemplo, em meio à crise humanitária que afeta a Venezuela, 50% das crianças não foram rematriculadas na escola no ano de 2021.
- Por outro lado, as respostas à pesquisa de mulheres com alto nível educacional, no que se refere ao acompanhamento de filhos e filhas, refletem uma experiência positiva, ainda que ter que se adaptar ao sistema de aprendizagem à distância nem sempre lhes foi fácil e para certo grupo resultou em cansaço e estresse.
- Tais mulheres manifestaram ter aproveitado a oportunidade da emergência para fazer cursos virtuais ou para continuar ou retomar seus estudos e se capacitar em tecnologias da comunicação (TIC).

Aumento do crime organizado e do tráfico de mulheres

- Quando as fronteiras dos países da região permaneceram fechadas, as pessoas migrantes e/ou refugiadas necessitaram de formas irregulares e/ou informais para se mover, o que aumentou sua exposição ao crime organizado com um alto impacto na comercialização das mulheres.
- A pandemia não deteve as redes de traficantes, mas, ao contrário o tráfico foi incrementado devido a governos ausentes ou substituídos e à conivência ou inatividade das forças de segurança e dos policiais. Os traficantes e os demandantes dos serviços estabeleceram novas estratégias de captação e “comercialização” de vítimas através das redes sociais, levando as vítimas até os clientes e devolvendo-as depois em suas casas.
- Houve famílias que chegaram à indigência por fome e desamparo durante a pandemia e aceitaram que suas filhas, crianças e adolescentes, prestassem serviços sexuais para levar dinheiro para casa. 76% das vítimas de tráfico e exploração sexual são mulheres. De cada 10 pessoas traficadas, 6 são menores de idade.
- Aumentou também o número de casamentos de crianças indígenas, trocadas por dinheiro ou por animais. Ademais, muitas meninas e adolescentes embrenhadas na pobreza extrema começaram a trabalhar no serviço doméstico, sofrendo abusos e exploração.
- A pandemia teve, inclusive, impacto na vida das mulheres que vivem “na” ou “da” rua. Existe um estigma cultural, moral e religioso que as considera drogadas, loucas ou prostitutas. Para sobreviver durante a crise, correram o risco de se prostituir, de ser vítimas de violência e de se converter em “mulas” transportando drogas. Com o toque de recolher, numerosas mulheres terminaram detidas pela polícia por não ter documentos – situação muito comum entre as pessoas em situação de rua. A polícia costuma ser muito violenta e bruta com elas.

Aumento da xenofobia e racismo para com as mulheres

- Os migrantes frequentemente despertam xenofobia e racismo, mas as mulheres ainda mais, se caem nas mãos dos “coiotes”, encarregados de transportar imigrantes ilegais, de forma escondida, para cruzarem a fronteira, em particular entre o México e os Estados Unidos. Milhões de mulheres venezuelanas atravessaram outros países da região, como a Colômbia, para che-

gar ao norte do continente, sofrendo discriminação e abuso. Ultimamente, há um fluxo crescente de haitianos e haitianas.

- A crise, entre seus efeitos negativos, produziu aumento de xenofobia em povos essencialmente acolhedores, como o brasileiro. Mulheres da comunidade LGBTQIA+ foram gravemente agredidas ou violentadas.
- Muitas mulheres por serem migrantes e outras por serem indígenas emigradas – reconhecidas como refugiadas nos países de destino, mas não como membros de comunidades indígenas ou povos originários – não conseguiram acessar determinados benefícios dos governos durante a pandemia e continuam tendo que fazer enormes esforços para manter sua cultura e identidade.

Morte na solidão e aprofundamento do luto

- A morte foi a pior das experiências vividas segundo as mulheres que responderam a pesquisa: a perda de entes queridos, a impossibilidade de se despedir e a proibição dos funerais e ritos religiosos por causa do contágio.
- Particularmente grave foi o sofrimento de mães, esposas e filhos das pessoas privadas de liberdade, no Peru, devido às mortes durante as rebeliões por melhores condições de saúde e atenção médica, nos três primeiros meses da pandemia.
- As especialistas afirmam que as mortes de pessoas próximas deixaram uma marca profunda nas mulheres devido aos processos de luto que não tinham seu acompanhamento nem seu rito durante a pandemia.

Apoios e carências

- As respostas à pesquisa assinalam que, entre as categorias família, amigos, Igreja, vizinhos, ONG's e governo, as mulheres sentiram maior apoio da parte da família; em segundo lugar, dos amigos e da Igreja; e, em último lugar, do governo.
- A convivência dentro do lar, segundo as pesquisadas, melhorou ou permaneceu igual, com melhor comunicação e diálogo entre os integrantes da família, podendo conhecer e/ou valorizar mais os filhos ou o cônjuge. Em menor porcentagem, resultou conflitiva e arriscada devido às agressões e à violência das quais as mulheres foram alvo.

- Quanto às carências, a necessidade mais sentida foi a respeito da saúde, seguida da educação, dos aspectos psicológicos e do cuidado.

Luzes e sombras na relação mulher-Igreja

- O vínculo com Deus é o que, com maior frequência, caracteriza igualmente a experiência das mulheres durante a pandemia, tanto católicas como de outras religiões cristãs. Foi uma oportunidade para encontrar forças e amparo para viver em meio ao caos da pandemia.
- Foram revalorizados, durante a emergência, distintas formas de viver a fé, de receber formação da Igreja através de mídias digitais e de desenvolver a escuta e a orientação espiritual, assim como também os espaços de ajuda e proteção, onde podiam oferecer apoio a outras pessoas. Tudo colaborou para aprofundar a espiritualidade pessoal e comunitária.
- Destaca-se especialmente o aumento da ação social e da solidariedade mediante a organização em redes de mulheres para a atenção particular a outras pessoas, em tempos de pandemia. Em sua maioria, as mulheres consideram que a Igreja foi criativa em estratégias para servir a seus fiéis.
- A maioria das mulheres diz ter se aproximado mais de Deus e da Igreja. Também destacaram as celebrações e orações online como um ponto muito positivo. O que mais lamentam é a proibição das celebrações presenciais e a conseqüente impossibilidade de comungar e receber os sacramentos.
- As mulheres também foram testemunhas da importância dos encontros de formação online e da ampliação das possibilidades de estudo, tanto de forma pessoal como em grupo. Percebem que a Igreja buscou uma maneira de acompanhar; se fez mais próxima e comprometida com a realidade.
- Reconheceram o especial serviço que a Igreja prestou aos enfermos e afetados pela Covid-19. Entretanto, algumas sentiram solidão e falta de fraternidade ou carência de atenção e proximidade na doença.
- As mulheres perderam seus espaços e seu protagonismo nos grupos de oração, catequese, etc. As missas online reforçaram o papel do clero e invisibilizaram o papel das mulheres nas comunidades, relegando-lhes somente uma participação bem mais passiva.
- Foi frustrante a interrupção das atividades dos grupos religiosos e de outras atividades, o que provocou a paralisação da atenção às pessoas e do serviço prestado pelas pastorais.

Propostas apresentadas

Para onde caminhar

- Para a erradicação de todas as formas de violência e discriminação contra a mulher a fim de instaurar na prática a igualdade de direitos entre homens e mulheres.
- Para a aplicação e promoção do princípio de solidariedade e o cultivo dos vínculos comunitários nos quais se destaca a função da mulher.
- Para a criação de uma cultura do cuidado, na qual a liderança feminina é historicamente notória, como nova forma de exercício da cidadania.

Como proceder

- Desenvolvendo a dimensão espiritual-ecclesial: com a confiança em Deus, o apoio da família e da comunidade de fé, a esperança que vem da oração e a perseverança nos ensinamentos de Jesus.
- Potencializando a resiliência feminina: viver a pandemia como oportunidade para se “reinventar”, sem se deixar abater, enfrentando a crise com criatividade para saírem fortalecidas.
- Organizando-se em redes solidárias: unir-se para ajudar a outras pessoas, estabelecer parcerias com organismos de cooperação, fomentar sinergias entre os grupos e ir crescendo em uma consciência coletiva.

O que é preciso realizar

- Investigação e difusão que tenha como objetivo a violência estrutural e simbólica.
- Reflexão sobre as teorias de gênero e priorização da temática, “impregnando” os esforços e ações pastorais.
- Criação de espaços para o acompanhamento, a escuta e a proteção, onde as mulheres se sintam seguras nos momentos em que precisam solicitar ajuda.

- Formação para a liderança feminina, intensificando a educação pastoral e teológica, reforçando sua capacitação como agentes de pastoral, instituindo ministérios que legitimem e fortaleçam sua missão.
- Representação de mulheres em espaços públicos, apostando no colaborativo e não no competitivo, e austeridade no estilo de vida de quem toma decisões em matéria de políticas públicas.
- Intervenção para humanizar as relações através de círculos intergeracionais de conversação, incluindo os idosos para que as pessoas mais velhas possam colaborar com as novas gerações.
- Criação de espaços para o luto, a fim de compartilhar a experiência vivida e orar juntos, assumindo a religiosidade popular como fator de cura.
- Prevenção da violência, trabalhando, desde a infância, pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, o que implica também estratégias para reverter os problemas de acesso à educação – inclusive a digital – e de superação da pobreza.
- Reforma do sistema de administração da Justiça, a fim de dar uma resposta completa e eficaz ao grave problema da violência contra a mulher. Sua complexidade requer um enfoque múltiplo e a profissionalização dos operadores do sistema de Justiça.

Conclusões gerais

No processo de seis meses de elaboração deste documento, tentou-se “escutar” três distintos tipos de “vozes”: no *Estado da Arte*, a primeira parte, o que foi expresso nos principais relatórios técnicos e nas investigações publicadas sobre **O impacto da Covid-19 nas mulheres da América Latina e do Caribe**; no *Diálogo com especialistas*, a segunda parte, as vozes da experiência de mulheres que estão liderando projetos em favor do desenvolvimento humano integral de suas respectivas comunidades; e, na terceira parte, o *Relatório da Pesquisa*, as vivências, testemunhos, opiniões, sofrimentos, conquistas e sonhos daquelas que responderam voluntariamente sobre o tema em questão.

Foi uma escuta ativa, atenta e receptiva, realizada por membros do Departamento de Gestão do Conhecimento do CELAM, através de seu Observatório Socioantropológico Pastoral, e do Observatório Mundial das Mulheres, da UMOFC, que trabalharam em equipe nos diferentes países e em distintos idiomas. Inclusive, dentro da própria equipe, trabalhou-se de forma colaborativa, com liberdade para o diálogo e discernimento compartilhado, a fim de se tomar decisões que permitissem sistematizar e plasmar nestas linhas as “vozes” escutadas.

Duas coordenadas caracterizaram o projeto: a pandemia e a sinodalidade. As variações da Covid-19, as medidas preventivas ou destinadas à redução do contágio e suas consequências e as numerosas incertezas de 2021 e 2022 ficaram refletidas no trabalho. Dessa forma, a 1ª Assembleia Eclesial Latino-Americana e o lançamento do Sínodo dos Bispos “Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”, para o qual o Papa Francisco convoca toda a Igreja Católica, contextualizaram, inspiraram e motivaram a realização deste trabalho.

Na mensagem que o Santo Padre enviou aos participantes da Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe, Francisco insistiu em duas palavras: **“escuta” e “transbordamento”**. No nosso caso, a presente contribuição corresponde à etapa da “escuta”. Somos conscientes de que nos falta um longo caminho para percorrer em matéria de escuta, a fim de dar visibilidade às mulheres mais vulneráveis da região. Entretanto, com as vozes já escutadas, propomos iniciar a segunda etapa, a do “transbordamento”, ou seja, da difusão das vozes contidas no relatório, para encontrar trilhas que nos encaminhem para realizar a humanidade fraterna com a qual o Papa nos

convida a sonhar. Em ***Fratelli tutti***, ele compartilha conosco e explicita esse sonho da fraternidade universal para os que creem e os que não creem.

Se consideramos, junto com as “vozes” do presente documento, as vozes da Assembleia Eclesial expressadas nos desafios resultantes do encontro de novembro de 2021, como por exemplo “acompanhar as vítimas das injustiças sociais e eclesiais com processos de reconhecimento e reparação”, “impulsionar a participação ativa das mulheres nos ministérios, nas instâncias de governo, de discernimento e decisão eclesial”, “promover e defender a dignidade da vida e da pessoa humana desde sua concepção até sua morte natural”, “incrementar a formação da sinodalidade para erradicar o clericalismo”, “promover a participação dos leigos em espaços de transformação cultural, política, social e eclesial” e “escutar o clamor dos pobres, excluídos e descartados”, apreciaremos uma harmoniosa sintonia.

Esperamos com fé que os responsáveis por nossos países, pelos organismos internacionais e pelos meios de comunicação, assim como os líderes nas redes sociais, os dirigentes e membros das organizações da sociedade civil, os presidentes das Comissões Episcopais, os bispos de nossas dioceses, nossos pastores e cada membro do Povo de Deus encontrem seu lugar de ação e responsabilidade para unir esforços e gerar sinergias que nos permitam, também às mulheres, desenvolver-nos plenamente e exercitar nossa corresponsabilidade, com autenticidade, criatividade e resiliência.

Desejamos concluir agradecendo ao Santo Padre seu compromisso com as mulheres latino-americanas e caribenhas. “É um sério dever compreender, respeitar, valorizar e promover a força eclesial e social de tudo o que realizam”, disse o Papa Francisco ao Comitê do CELAM em Bogotá (7 de dezembro de 2017). “Por favor, as mulheres não podem ser reduzidas a servas de nosso recalcitrante clericalismo. Elas são, ao contrário, protagonistas na Igreja latino-americana: em sua caminhada com Jesus; em seu perseverar; inclusive no sofrimento de seu Povo; em seu apegar-se à esperança que vence a morte; em seu alegre modo de anunciar ao mundo que Cristo está vivo e ressuscitado”.

